

ANTONINO EYMIEU

da Companhia de Jesus

EM FACE DA DOR

O PAPEL DE DEUS
A ATITUDE DO HOMEM

Tradução
de
LUIZ LEAL FERREIRA

231.2
E93 f
lx 2

1945

Livraria **AGIR** Editôra

Nihil obstat

P. Aloisius Rivó, S. J.

Cens. Dep.

IMPRIMATUR

† *Sebastianus*, Card. Archiep.

Flum. Jan. 25 Aug. 1932

(DIREITOS RESERVADOS)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E BIBLIOTECAS	
CIS 10 - 11	
NUMERO	DATA
234	29.4.52

A GUISA DE PREFACIO

Na abundante literatura católica sobre a Dor, faz jus a um lugar de destaque este excelente opúsculo do P. Antonino EYMIEU, da Companhia de Jesus.

Em feliz epitome, não se traça nêle mais do que a tão vulgarizada teoria cristã do sofrimento; mas a forma por que é isso feito, especialmente lógica, viril, persuasiva, confere-lhe um caráter de peculiaridade que o faz sobremodo atraente e confortador.

A luz, a força, o amor enseivam ricamente estas páginas, irradiando vigorosamente sobre mente e coração, para esclarecer uma e roborar outro em ordem à legítima e racional atitude da dor.

Aliás, bastaria a recomendá-las a reputação do autor, o consagrado psicólogo de Le gouvernement de soi même. Tanto quanto quem melhor, estava êle no caso de nos versar proficientemente matéria de tal relevância. Fê-lo, porém, com rara felicidade, pro-

fessando-nos, em bela e fecunda síntese, a arte preciosa de bem sofrer.

É, pois, um trabalho de valor inestimável, pelo precioso subsídio de luz e de força que nos ministra para os rudes embates da dor; pela real condição de felicidade em que nos integra, habilitando-nos a bem sofrer; pela verdadeira condição de glória a que nos habilita, integrando-nos no sentido superior do sofrimento e promovendo a fecundidade divina das nossas lágrimas.

Grande é o potencial de bem que se encerra nestas poucas páginas, e nada mais louvável do que lhe ampliar o raio de ação. E se à consideração, já de si bastante, dêsse bem a fazer se juntar a do perene interesse do tema, vinculado aqui ao conceito de quem o versa e à forma algo sui generis por que é versado, e sobretudo a consideração da especial oportunidade que lhe empresta a terrível germinação de dores dos nossos dias, lícito será augurar para o presente opúsculo o bafo do mais pleno favor público.

LUIZ LEAL FERREIRA

O PAPEL DE DEUS

I

O QUE DEUS NÃO FAZ

O papel de Deus! Deus tem um papel na dor, e não são cristãos que o possam contestar; compreendem, porém, sempre bem esse papel?

Pelo menos, nem sempre o aprovam. Ouvimo-los às vészes clamarem, na dor, que estão revoltados contra Deus.

Poder-lhes-íamos responder ser bem má política. Maquiavel dizia que não se deve arranhar o inimigo se não se pode matá-lo. Se se pode matá-lo, vá lá, ter-se-á sempre esse meio de liquidar a questão, e, se a moral o condena, ao menos a política o acha eficaz. Mas, se não se pode matar o inimigo, se êle é

mais forte do que nós, por que lhe pormos a fôrça contra nós, arranhando-o sequer?

Ora, Deus é forte, não podemos matá-lo. E bem creio, aliás, que não o quereríamos. Então, por que fazemos dêle um inimigo? Por que travarmos contra êle êsse duelo em que estamos certos de que o melhor que nos poderá succeder será nos lançarmos aos seus pés e lhe obtermos o perdão dizendo-lhe o nosso arrependimento? Fazer uma coisa com a esperança única de vir a se arrepender dela, de em seguida querer não a ter feito é realmente tudo quanto se pode imaginar de menos sensato. Não mastiguemos as palavras, pois é de nós que se trata, e digamos que é tudo quanto se pode imaginar de mais louco.

Mas é injusto também, tanto quanto é louco, revoltarmo-nos contra Deus. Que nos fêz êle? — Tomou-me o filho, os amigos, a reputação, os haveres, a saúde. — E quando assim fôsse? Êle não é o dono? Tudo isso que nos fôra entregue para o fazermos render, não tem êle o direito de tomá-lo? E não

tomamos, nós, aos nossos inquilinos ou arrendatários a casa ou o campo cuja renda êles não nos pagam mais? ou até, muito simplesmente, porque, por melhores pagadores que sejam, o arrendamento que lhes havíamos outorgado expira, e nos apraz, para o futuro, dispor diversamente do nosso bem? Acaso somos proprietários a melhor título que Deus?

Esta resposta poderia bastar; mas há outra a dar: “Deus nos tomou”, dizemos. E estamos certos disto? — A nossa saúde? Não, não foi Deus que nos tomou; foram as nossas imprudências, as nossas culpas talvez, ou as dos outros: por exemplo, as de tal ou qual dos nossos avós que, tendo desperdiçado o seu capital de vida, só pôde transmitir-nos uma herança empobrecida. — Os nossos haveres? Más especulações financeiras, a baixa da renda ou a depreciação das propriedades, quer dizer, o encarecimento da mão de obra, quer dizer, talvez a diminuição da natalidade. — A nossa situação? Alguma ação feia de um delator, de um político, de um

sectário. — A nossa reputação? Foi a calúnia que no-la tomou; quer dizer, a malícia dos que falam e a estultícia dos que escutam. — Os nossos amigos? Foi a inconstância deles que os afastou, ou foram os nossos defeitos. — Nossos filhos? Foi a doença que os matou, ou um acidente; talvez um dos terríveis acidentes da guerra...

Mas justamente sucede censurarem a Deus o desencadear as guerras. — Oh! não, os responsáveis pelas guerras são os homens, não é Deus.

É Deus que faz viver, não é êle que mata. Êle faz o bem, mas não faz o mal. Tudo o que temos de bom, foi êle quem nos deu. E o que havemos perdido, não vejo nos haja êle tomado.

* * *

— Mas, direis, êle não prometeu que um só cabelo não cairia da nossa cabeça sem a sua permissão? — Sim, e cumpre a palavra. Se os nossos cabelos caem, é, portanto, que êle o permite; mas não é êle que os arranca. Veremos mais adiante o que há de bondade nessa promessa e nessa permissão. Por ora,

estatuamos que permitir não é querer. Deus permite muita coisa que não quer, o pecado, por exemplo. Proíbe-o, mas não o impede; se não permite praticá-lo, permite se pratique. Precisamente por ser a sua autoridade a mais alta e a mais segura, é êle o menos autoritário dos senhores e o menos pressuroso em punir. Proclama as suas ordens sem lhes forçar a execução. “Dá tempo à sua eternidade como nós damos tempo ao nosso tempo”. Deixa cada um dar, no tempo, a medida da sua obediência, antes de dar, êle, na sua Eternidade, a medida da sua justiça.

Mas não está obrigado a tratar os nossos desejos melhor do que os seus; e se permite o pecado, que é o mal supremo, que viola a ordem da criação e ofende o Criador, bem pode permitir a provação, que ofende a criação, que é, sem dúvida, um mal e uma desordem mas uma desordem limitada às dimensões do nosso ser e um mal que pode transformar-se em bem; — e, por essa permissão, assim como não faz o pecado, também não faz a dor.

— Mas, direis, se não a faz, ao menos poderia impedi-la.

— Sim, se elle fôsse menos sábio ou se não fôsse tão bom.

A dor é ainda vida, e, não raro, bellissima. O mal é ainda todo envolto de bem. O mal é apenas o abuso ou o inconveniente accidental de um bem. Para suprimir o mal, há, portanto, que suprimir o bem, ou impedir o abuso dêste, suprimindo a liberdade.

A liberdade — a nossa ou a alheia — é que tem desencadeado a maior parte dos males no mundo, ou mesmo todos, se remontarmos até ao peccado do primeiro homem. Convinha, então, que Deus suprimisse a liberdade? Mas então havia que suprimir a razão; porque, a menos que se estivesse em face do infinito visto na sua realidade concreta, o que só no céu se dará, a razão, dês que pode reflectir, percebe motivos diversos, e por êste mesmo facto gera a liberdade. Devia Deus suprimir a razão? Mas então, concomitantemente, suprimiria o homem, para já não deixar viver senão a bête.

E, mesmo depois dessas hecatombes, ainda não teria banido da terra o mal, porque restariam as leis, as leis que são boas, que são necessárias à organização do mundo, mas que se entrecrocão e, no seu entrecrocamento, podem, aos olhos dos que vêem só o ponto do conflito, produzir desordem ou mal.

A saraiva nas cêpas de vinha é um mal; suprimindo, porém, a causa que a produz, ou seja a água com as leis que lhe concernem, suprimirieis a chuva e o orvalho, e o vapor d'água na atmosfera, e a seiva nas plantas, e o sangue nos animais, e o plasma em tôdas as células, e portanto a vida tôda na superficie da terra. A ferida de um vivente, homem ou animal, esmagado por um bonde, mordido por uma engrenagem ou retalhado por uma granada, é um mal; mas êste se origina da resistência da matéria, e, suprimindo a causa, suprimirieis tôda a actividade na natureza desde o homem até o átomo, pois tudo na natureza só age apoiando-se na resistência da matéria. A queda de um homem que tomba de um andaime é um mal; mas é o resultado

da gravidade, e, se suprimirdes a gravidade, já não podereis levantar casas, nem respirar o ar com os pulmões, nem aspirar o sangue com o coração, nem ficar de pé, nem tocar em terra sem serdes projetado no espaço pela fôrça centrífuga. Que digo? Não há mais terra possível, nem planêta, nem sol, nem estrêla, e o mundo deve reduzir-se a um não sei quê de mais diluído ainda do que o caos; pois o caos só se organizou porque Deus pôs nêle a gravidade.

E assim tudo, porque tudo se conserva. Será mister que Deus suprima tudo para suprimir o mal? que, para arrancar o joio, devastasse a seara? Ficaríeis horrorizados se, a pretexto de evitardeis o sofrimento a vossos filhos, os fechásseis imóveis e inertes numa caixa acolchoada. Não fazeis tal. Êles correm o risco de cair andando, e, sem embargo, os ensinais a andar; correm o risco de abusar da sua instrução, e, não obstante, os mandais ao colégio; arriscam-se a abusar dos haveres, e, apesar disto, vos alegrais de lhes fazer um patrimônio. Preferis dar-lhes, com os riscos,

tudo o que pode fazer a fôrça e o valor da vida. Pois não peçais a Deus que faça o contrário, que, para nos evitar o mal, suprima a liberdade que nos pode conduzir ao céu, ou ainda a vida, a atividade e o ser, que nos encerre no nada, qual um pai insensato que encerrasse os filhos numa caixa algodoada.

— Mas, direis, Deus tem o milagre a seu serviço e, sem suprimir as leis, pode suspender-lhes os efeitos, ao menos o bastante para que o conflito não se declare naquele ponto, que, convenho, é um ponto perdido na imensidade, mas onde se acha o coração de um de seus filhos.

— Sim, Deus pode fazer milagres, e os faz; porém raramente. Quando um relojoeiro fabrica um relógio, toma suas providências para que êle ande sózinho sob a pressão da mola, sem que haja mister de empurrar os ponteiros sôbre o mostrador, salvo em casos excepcionais em que o quer a gente regular por outra hora. Assim, Deus criou o mundo de modo que êste possa andar sózinho,

movido pelas leis que êle lhe deu. Só lhe modifica a marcha, pelo milagre, em ocasiões excepcionais.

Se, pelo contrário, a golpes de milagres devesse êle poupar-nos tôda dor, o remédio seria pior do que o mal. Os homens não poderiam mais contar com as leis da natureza, visto que Deus a retocaria incessantemente, e já não saberiam o que fazer; aliás, não queriam fazer mais nada nem preocupar-se com coisa alguma, visto que Deus se preocuparia com tudo; não mais cultivariam a terra nem edificariam casas, de vez que Deus deveria impedi-los de sentir frio e fome; não mais cuidariam dos filhos, pois Deus deveria afastar dêles a doença; não haveria mais vida intelectual, nem industrial, nem social, não mais dedicação, não mais civilização, não mais livros, não mais estradas de ferro, a não ser que as viesse Deus construir; mais nada daquilo que o homem inventa aguilhoado pela necessidade; haveria apenas espectros de homens, sem ideal e sem idéias, maras-

mando na preguiça como vis insetos num pântano.

Ah! que mundo! como seria feio, incolor, carrancudo e vazio! vazio de alegrias tanto quanto de dores, vazio de grandeza e de beleza tanto quanto de pena, vazio de méritos tanto quanto de perigos; e que pobre Eternidade deveria coroar tão pobres virtudes! Ah! como depressa sentiríamos saudades da nossa vida em pleno vento! como preferiríamos as grandes rajadas do largo, com os abalos e os riscos das tempestades, a essa calmaria podre, a essa vida atrofiada, extinta, a essa espécie de nirvana búdico que só podem ambicionar as almas embotadas e indignas de viver! E, também, como são curtas as nossas vistas quando miramos tudo na perspectiva mesquinha do nosso eu! Como a árvore nos esconde ai a floresta! Como somos mal qualificados para corrigir as obras de Deus! E que feliz é êle de Garo (*) não ter tido voz no seu conselho!

(*) N. do T. — Personagem da fábula de La Fontaine "A bolota e a abóbora", o qual se metia a criticar as obras de Deus.

Convenhamos que Deus vê nisso mais claro do que nós e mais alto e mais longe; que, se não impede a dor, pode ter para isso boas razões a que não são estranhas a sabedoria nem a bondade; que, se a permite, não a faz, e que, em suma, se tem o direito de tomar os bens que nos emprestou, nem sempre está provado que o faça. Concordemos, por conseguinte, em que, quando nos revoltamos contra êle, atrevendo-nos a dizer-lhe que êle é injusto, nós é que o somos, e que a nossa revolta vai conjuntamente contra o direito dêle e contra o nosso bom senso.

II

O QUE DEUS FAZ

Depois de dizer o que Deus não faz, é preciso dizer o que êle faz, sob pena de deixar talvez as almas abatidas e desnortheadas.

Quando uma alma cristã, ou ao menos quando uma alma piedosa se diz revoltada contra Deus, se a gente lhe mostra que ela não tem razão e que Deus não é o autor do seu sofrimento, ela experimenta uma decepção, um vexame, um desalento. "Ah!, exclama, tirais-me o meu melhor consôlo. Era-me doce pensar que era Deus, e não um acaso sem alma ou criaturas sem coração, que me fazia o meu quinhão e me queria êsse sofrimento!"

É, quiçá, a prova de que não se estava bem revoltado... Não tenho, aliás, nenhum remorso em fazer cair essa ilusão; porque aqui a verdade vale mais, não só na lógica,

por ser a verdade, mas também na prática, por ser ainda mais consoladora.

Podeis, deveis continuar a crer que Deus nos mede a cada um o nosso quinhão.

Ele cumpre a palavra. Um só cabelo não nos cai da cabeça sem a sua permissão. E esta permissão éle a recusa quando a provação exceder a medida das nossas fôrças ou não nos puder ser de proveito algum.

Se éle deixa as leis da natureza seguirem o seu curso, superintende-as com a sua Providência e lhes dirige as applicações, como o maquinista dirige, sem destruí-lo, o vapor da sua máquina. E, se os milagres ruidosos, os que vão de encontro às leis, devem ser raros, as intervenções providenciais que Deus opera em silêncio, em segredo, dirigindo de longe as leis para o seu desígnio de bondade, essas espécies de milagres occultos, que não perturbam nada e não dispensam o homem de agir, podem ser freqüentes, e só Deus lhes conhece o número.

É assim que éle afasta do nosso caminho muitas provações, e, se nem sempre podemos

perceber a mão paternal que dirige os acontecimentos, muitíssimas vêzes podemos ao menos adivinhá-la. Lembrai-vos de tal conjuntura, de tal circunstância em que roçastes tão de perto a morte ou os mais graves perigos para a vossa vida, para a vossa reputação, para a vossa felicidade, para a vossa virtude; lembrai-vos daquela rêde fatal que parecia apertar-se em tôrno de vós, arrastando-vos para o abismo, e à qual mão invisível desfez bruscamente as malhas. *A Domino factum est istud*, era a mão do Senhor que se estendia sôbre vós num gesto de amor.

Por vêzes, talvez, também num gesto de amor, a mão paternal, pelo contrário, dirigiu a provação até o nosso coração, porque ela nos era necessária, e é isto uma restrição ou, por melhor dizer, uma precisão que importa aduzir à doutrina há pouco exposta. Mas é principalmente então que devemos bendizer a Providência; porque nessas ocasiões (que raramente podemos definir com certeza, mas que são possíveis) em que Deus, que cuida de nos fazer o nosso quinhão, nos subministra a

provação de caso pensado, não é que, em tomando êsse partido, êle prevê que faremos bom uso dela? e não nos pode êle dizer, tratando-nos como àquele a quem mais amou: “Crucifico-vos, logo vos amo; e não tendes medo dessa cruz, fiaí-vos no meu amor, é êle que me guia: quando eu modifico os acontecimentos para vos fazer sofrer, êles vos farão mais bem do que mal, da mesma sorte que, se vós, de caso pensado, forçais vosso filho a beber uma poção amarga, é para o fazerdes mais forte; tal como, se deliberadamente lhe pondes no peito um revulsivo, é para o curardes; assim como, se propositadamente chamaí o cirurgião que lhe vai amputar um membro, é para o salvardes”.

É, pois, o amor que o guia quando êle afasta de nós a provação ou quando, às vêzes, no-la propicia; é ainda o amor quando a permite. Se a permite tantas vêzes, é que muitíssimas vêzes ela é boa. Como e quando? Vê-lo-emos na segunda parte dêste opúsculo. Mas já bem o pressentimos, e basta ver a atitude de um pai para com o filho, para com-

preendermos a atitude de Deus. Quantos aborrecimentos, privações, sofrimentos permite êsse pai que imponham ao filho para instruí-lo e educá-lo! É que êle pensa no futuro e quer fazer dêle um homem. Deus pensa no nosso futuro. Quer também educar-nos e fazer de nós uns santos. Ora, a educação da alma, como a do corpo, tem apenas um tempo, que é curto: finda no túmulo; e há que nos fazer uma vida bem exuberante, ardente e cheia, porque essa vida é que medirá o poder com que eternamente poderemos compreender, amar, abraçar, para fruí-la, a infinita beleza de nosso Deus.

Aí está porque Deus permite a provação: porque ela nos oferece uma infinita reserva de felicidade, em comparação com a qual não podem entrar em linha de conta tôdas as dores dêste mundo: *Non sunt condignæ passionés hujus temporis...*

Se não fôra isto, não, êle não a permitiria; subverteria, antes, o mundo, ou o deixaria no seu nada. Permite-a quando ela é boa, no-la propicia quando necessária, poupa-no-

la quando má: é sempre o amor que o guia, e é deveras com o seu coração que êle nos faz o nosso quinhão.

Eis aí porque, êsse quinhão, êle quer que o aceitemos: não é a nossa dor que lhe apraz, é o proveito que tiramos dela, é a reação que dela sabemos fazer, são os tesouros de expiação, de humildade, de desapêgo, de fortaleza d'alma, de confiança, de amor que sabemos haurir nela. Numa palavra, se êle quer que aceitemos a dor, é porque, tal qual no-la mede o seu coração, ela não é mais do que uma felicidade que não compreendemos ainda.

* * *

Mas êle bem sabe que somos fracos, e que, por melhor que seja, o sofrimento nos mete mêdo. E então, para no-lo tornar acessível, faz duas coisas:

A primeira é aumentar-nos a fôrça, com a sua graça. Aqui, nada lhe limita a liberdade. A sabedoria exigia-lhe respeitar na matéria as leis que êle fêz; mas a sua graça

está fora da natureza, é o dom imediato e inesgotável, gratuito e plenamente livre, da sua munificência: nada a limita a não ser a sua livre vontade, e êle no-la oferece sem contar, na medida das nossas necessidades e da nossa oração.

E, depois, fêz outra coisa: deu-nos o exemplo. Disse-nos: “Mete-vos mêdo o sofrimento? pois bem, ides ver. Tomarei um corpo como o vosso para sofrer, um coração como o vosso para amar, e hei de mostrar-vos o que pode um homem sofrer desde que ame!”

E em breve, tiritante de frio, uma criancinha sorria num presépio, parecendo, com o olhar extático, saudar um belo sonho, e chamar alguém com as mãozinhas estendidas. Chamar a quem?

Naquele tempo, como sempre, a dor, a grande maldita, o nati-monstro da primeira obra do homem sem Deus, tão velha portanto quanto a humanidade, porém moça ainda, robusta pelo menos e imortal, passava qual fada apavorante, em tôda parte ao mesmo

tempo, revestindo tôdas as formas, entrajada de sangue ou coroada de rosas, com esgares ou com sorrisos, mas sempre armada da varinha fatal, dura como o ferro, amarga como o fel, dando em todos os sonhos de ventura para derrocá-los, mergulhando em tôdas as taças para envenená-las, esgravatando todos os corações para machucá-los, não poupando nada nem ninguém. Ia fatal, horrível, odiada, amaldiçoada, vendo tôdas as criaturas lhe fugirem à aproximação. E eis que, com grande surpresa sua, viu no presépio aquela criancinha chamá-la, estender-lhe os braços e dizer-lhe: “Por êles, para lhes dar o exemplo, contigo até o Calvário, direitinho e a passos de gigante, anda!” E ela se lhe lançou em cima, empolgou-a como uma prêsa e não a largou mais. Deu de rijo, como carrasco, em tôda a carne daquele corpo, em tôdas as fibras daquele coração, decantando-lhe gôta a gôta todo o sangue das veias, triturando-lhe a alma como o corpo, martirizando-a com tôdas as suas ternuras, com o beijo de Judas, com a negação de Pedro, com a fuga dos

apóstolos, com a presença de sua mãe, com os apupos de seu povo, com tôdas as injustiças e todos os ódios, tôdas as ingratidões e tôdas as vilanias, tôdas as angústias, todos os terrores, todos os abandonos. A dor encarniçou-se sôbre aquela prêsa que lhe era abandonada sem reserva; pôs nisso tôda a sua sanha e tôda a sua habilidade. Excedeu-se até. Mas não lhe pôde arrancar uma maldição, nem uma queixa, nem um pestanejar. Êle aceitou tudo, de olhos abertos, de coração firme, para nos mostrar que o amor pode domar a dor, para ter o direito de nos dizer: “*Sequere me. Segui-me*”. Eu passo à frente. Sei o caminho, êle é bom. É rude, sim; mas sobe alto, até o amor e até o céu” (1).

Com os olhos em tal exemplo, dizia uma cristã, nada há que não se possa sofrer de pé.

De pé como Maria, ou de joelhos como Madalena, junto à cruz pode-se sofrer tudo.

(1) Cremos haver, nessa imagem da Dor a se apoderar de Cristo como duma prêsa, a reminiscência de uma página de HUYSMANS que não pudemos achar. — No momento em que corrigimos as provas, digna-se um amigo dizer-nos que a página em questão se acha no capítulo XIII de *O Oblato*. Não o temos à mão.

Tal é o papel de Deus nas nossas provações. A verdade não é então mais bela do que as nossas ilusões? Se não é Deus que faz o sofrimento, é êle, seja como fôr, que nos mede o nosso quinhão com o seu coração; e, se êle quer que aceitemos êsse quinhão, é que, depois de haver feito dêle uma semente de alegria, nos pôs n'alma a sua graça e sob nossos olhos o seu exemplo. De sorte que, se por efeito disso nós perdemos todo direito à revolta, conservamos todos os nossos direitos à confiança, à coragem e ao amor.

A ATITUDE DO HOMEM

I

O QUE NÃO SE DEVE FAZER

“Sofrer, exclamava Santa Teresa, eis o mister das grandes almas”. Sim, sofrer com entusiasmo, chamar o sofrimento como os bravos chamam a batalha, é o mister das grandes almas; mas sofrer de um modo qualquer, a gôsto ou a contragôsto, é o mister de todos,

Pois bem! importa saber o seu mister.

Ora, no mister de sofrer, como nos demais, há processos de mau quilate, que cumpre rejeitar. Há, primeiramente, *o que não se deve fazer*.

E a primeira coisa que não devemos fazer é colecionar os nossos sofrimentos.

Temos o frenesi de colecioná-los, de entretê-los no nosso espírito como num álbum sempre aberto, de soprar com cuidado, por um pensamento contínuo, o pó do esquecimento que o tempo sôbre êles faria descer. E não é bastante reviver perpétuamente os maus dias; evocamos ainda o futuro, adicionando aos males sofridos todos aquêles que viremos talvez a sofrer. Unimos, assim, o passado e o futuro com o presente, e fazemos de tudo isso um bloco que nos esmaga.

É êsse o nosso grande sofrimento, é êsse bloco. Se só houvesse o segundo presente, cuidaríamos menos de nos queixar. Quem é que não teria coragem para sofrer um segundo? Mas sofrer lembrando-se de que já se sofreu, pensando que ainda se vai sofrer daí a pouco, amanhã, sempre, com êsse bloco nos ombros: eis o que torna o sofrimento intolerável.

E êsse sofrimento, justamente na medida em que vem de nós, do nosso capricho, da nossa covardia, da nossa vontade que esmo-

rece, que se deixa esmagar em vez de agir e de reagir, êsse sofrimento é mau.

E Deus o permite, êsse, como permite os nossos pecados. Êle é, no mínimo, uma imperfeição. Se Deus não o afasta do nosso caminho, é que êle vem de nós, e Deus respeita a nossa liberdade. A nós é que compete subtrair-nos a êle, e é fugindo-lhe que podemos achar o nosso mérito.

Importa, pois, fugir-lhe, é preciso quebrar o bloco que nos esmaga, e despegar dêle, para torná-lo menos pesado, o passado e o futuro.

1.º *O passado*

O passado, primeiramente. Não ruminemos as nossas dores. Não se ruma, não se mastiga uma pílula; engole-se, e não se pensa mais nela. Façamos assim também com o sofrimento que passa, dêis que lhe tenhamos tirado tudo o que êle tem de bom. Já é o bastante saborear-lhe o travo uma vez; por que tornar-lhe? Já é o bastante ter o co-

ração esfolado por êle à passagem; por que então retomá-lo e repassá-lo indefinidamente no coração como uma lima impiedosa e mal-fazeja?

É a imaginação ou o pensamento que faz sôbre o nosso coração êsse officio de algoz. Não se goza senão de um bem conhecido; não se sofre senão de um mal conhecido, conhecido pela razão ou pelos sentidos, pouco importa; forçoso é, porém, que seja conhecido. Um mal ignorado não faz sofrer. Caluniaram-me talvez; enquanto o ignoro, não soffro; quando o tiver esquecido, já não soffrerei mais. Mas, em compensação, quanto mais eu conheço, quanto mais vejo o meu mal, tanto mais apuro tudo o que êle tem em si de horrível, de pungente, de contrário aos meus desejos, e tanto mais o enterro ao vivo no coração. Ir buscar ao passado os males soffridos para patenteá-los numa implacável luz, para analisá-los em tôdas as minúcias, é, pois, infalivelmente avivar-lhes o aguilhão e replantá-los no coração com os alfinêtes que a gente calca numa almofada. Os alfinêtes se

rincam na almofada e os soffrimentos no coração quando lhes calcamos em cima. Não lhes calquemos, arranquemo-los.

Nas batalhas de antigamente, quando o soldado era ferido por uma seta, cuidava, antes de tudo, de retirar a seta; então podia cicatrizar e sarar. Mas se, ao contrário, êle revolvesse o ferro na chaga, a chaga ficaria incurável. Revolvemos o ferro na chaga remexendo as dores que nos feriram, e fazemo-la assim insanável, sempre sangrenta e a se envenenar cada vez mais; e como outras feridas sobrevêm todos os dias no choque da vida, acabamos por arrastar uma alma de hospital, que já não tem gôsto nem fôrça senão para gemer. É preciso arrancar quanto antes o dardo que nos fere e arremessá-lo ao esquecimento, sem mais de lá o tirar.

É difficil, direis! — Sim, às vêzes, ou mesmo sob a ação de uma grande dor, isso é, por um tempo, impossivel. Estava Goethe à sua mesa de trabalho quando lhe vieram anunciar a morte de um neto. Êle escutou, com a pena levantada. Depois disse: “Por cima

dos túmulos!”, e continuou a escrever. Èle ia rápido de mais, e eu não exijo tanto.

Haverá, sem dúvida, que volver à faina e prosseguir o caminho, mesmo por cima dos túmulos; mas há que os cortejar primeiro, e bem profundamente, consinto, para tocar com a frente e com o coração na pedra da campa. Tendes um pai e uma mãe, tendes uma mulher ou um marido, tendes filhos: a consciência que formais da vossa vida, o vosso *eu* tal qual o sentis, está todo entrelaçado com o pensamento dêles e com o seu amor; viveis dêles, para êles, nêles. As vossas vidas, as vossas consciências se entretecem como, no mesmo pano, o fio e a trama. E eis que, com gesto brutal, a morte partiu todos êsses fios. A trama se rasga e pende como um farrapo. No momento, nada mais há que fazer senão suportar o golpe; e eu compreendo que se caia esmagado, que se deixe correrem as lágrimas, o coração sangrar, uma primeira suavização fazer-se sòzinha ao pé da cruz. Mas, desde que se pode retomar a onda da vida que torna, importa refazer o próprio *eu*, reconstrui-

lo com os materiais que restam, sôbre um outro plano, para adaptá-lo à realidade nova. Esta realidade, bem precisa pensar nela, mas para se lhe adaptar, consequentemente para agir, para se repor no lugar e ir ao dever. Enquanto se faz êsse trabalho, a dor ainda está no presente. Aliás, o que não vale nada na dor não é a ação, é a abdicação, é o deixar correr do pensamento que rumina, que repisa e não conclui, que não age ou não faz outra coisa senão revolver o ferro na chaga viva.

È esse pensamento inútil e daninho que cumpre suprimir. Não se trata de saber se isto é difícil, mas se é necessário, e, depois, se é possível. Ora, necessário é, como vimos; e possível, mostro-o em algumas palavras.

Sem dúvida, a nossa imaginação nos escapará com freqüência. Ir-se-á para o passado, a revolver, mau grado nosso, a cinza das velhas recordações extintas. De preferência, irá aos maus dias. Os dias ditosos as mais das vêzes não têm história, desapare-



cem inteiros; mas os dias de tristeza e de luto sobressaem no campo do passado, quais ciprestes funéreos, e nos detêm o olhar. Tornaremos a vê-los algumas vêzes, é fatal; mas não os olhemos, e os veremos menos vêzes; e, quando êles apparecerem sem o querermos, não os fitemos, olhemos para outra parte, e os veremos menos tempo. E pouco a pouco, nunca sendo fixados pela atenção, êles se desprenderão da nossa memória sob o pêso do tempo e cairão no esquecimento.

Em suma, trata-se de fazer com o olhar de nossa alma, que é a atenção, o que fazemos com o olhar dos nossos olhos quando não mais queremos ver um objeto: não olhamos para êle; e se, a contragôsto nosso, êle passa no nosso campo visual, desviamos os olhos ou, ao menos, não o fitamos; e basta não o fitarmos para que aos poucos a sua figura nos escape à consciência e se dissipe.

Tratadas dêsse modo, as más recordações se desvanecerão ou, quando menos, serão fracas de mais para nos morder o coração e atar

nêle, magoando-o, a pesada corrente do passado.

Aí está, portanto, o bloco fatal desagregado numa boa parte, a do passado.

2.º *O futuro*

Importa ainda destacar dêle o futuro.

Dois princípios simplísimos, quase dignos do Sr. de la Palice, resumem a attitude que se deve ter em face do futuro.

Primeiro princípio: Para chorar uma desdita, esperar por estar bem certo de haver ela ocorrido; porque, de duas uma: ou ela ocorrerá, ou não ocorrerá; se não ocorrer, as nossas lágrimas antecipadas serão lágrimas perdidas; e, se ocorrer, teremos bem tempo para gemer, tê-lo-emos até de sobra. Por conseguinte, em qualquer hipótese, esperar. “A cada dia basta a sua pena”.

Segundo princípio: Pré-imaginar o futuro não é prepará-lo.

Prever, por indícios sérios e precisos, os acontecimentos próximos e prováveis, e to-

mar, na calma, decisões nítidas e práticas, é preparar o futuro, e é obra de razão e de liberdade; é também uma fonte de paz e de fôrça.

Mas pré-imaginar o futuro é, na maioria das vêzes, condenar-se à angústia e à covardia.

A imaginação não distingue entre o provável e o improvável, entre o possível e o impossível; acolhe tudo, sem respigar. E não tendo, no real, onde empacar, tende ao extremo. Quer penda para o prazer, quer penda para o sofrimento, apresenta-no-los com tudo quanto há de mais requintado, de mais inaudito, de mais fantástico. Depois, quando levou o quadro ao cúmulo, pondo-lhe tôdas as solicitações da volúpia ou todos os horrores do martírio, formula bruscamente à vontade assustada esta pergunta: "Para ficares fiel ao dever, poderias recusar êsse prazer, aceitar essa dor?" E, em face dessa pergunta, a alma se debate numa angústia mortal, não sentindo nem o direito de responder *não*, nem a fôrça de responder *sim*.

Não respondais nada. Vou responder por vós: Não, não tendes fôrça para aceitar essa dor ou para repelir êsse prazer; mas tê-la-íeis. Não a tendes porque, para tais ocasiões, é necessária uma graça excepcional, que Deus não vos dá. E não vo-la dá porque não precisais dela, de vez que não tendes de passar por essa provação. Mas se, por impossível, devêsseis passar por ela, precisaríeis da graça; e, se precisásseis dela, Deus vo-la daria; e, se vo-la desse, tê-la-íeis. Entremettes, essas imaginações não preparam o futuro, comprometem o presente. São uma tentação a que não temos o direito de nos expor. Deus no-la poupa. Façamos como êle.

E êle ainda nos poupa deixando-nos velado o futuro. *Non potestis portare modo*; não, não podemos suportar tudo antecipadamente.

Alguém me fazia, um dia, esta reflexão: "Nosso Senhor manda dizermos: *O pão nosso de cada dia dai-nos hoje*. Tem bem razão! Se houvesse que o receber com antecedência de meses e de anos, êle seria demasiado

duro". E, se num lance d'olhos vissemos tudo o que teremos de sofrer, ficaríamos aniquilados. Nosso Senhor viu tudo de antemão e aceitou tudo. E desejou com grande desejo beber todo o cálice que seu Pai lhe preparara. Mas nós não temos o seu grande ânimo generoso, êle poupa a nossa fraqueza. *Filioli, non potestis portare modo...* Porventura mostram as mães aos filhos tôda a medicação amarga ou repugnante que êles deverão absorver? Não! Apresentam-lhes a poção quando chegado o momento, animam-nos; misturam a ela algumas coisas doces, e, dia por dia, colherada por colherada, tudo se consome inteiramente.

Para nós também, tudo se consumirá; mas *a cada dia basta a sua pena*: não antecipemos as nossas dores. E *a cada pena bastará a sua graça*: contemos com a bondade de nosso Deus.

Uma palavra resume todos êstes reparos: sejamos práticos. Nada de sofrimentos inutilizáveis, e, por isto, nada de pensamentos inúteis. Tomemos, ao passado e ao futuro o

que se toma a um limão: quando se lhe tirou o sumo, aquilo que é útil, o que pode servir, deita-se fora o resto. Do passado, por conseguinte, acolhamos as recordações que nos subministram uma lição ou um motivo de agir, uma luz ou uma fôrça; mas, desde que elas se divirtam em esquadrinhar os nossos sofrimentos ou em somá-los sem proveito, são inúteis: suprimamo-las. Com o futuro preocupemo-nos na medida prática em que podemos atingi-lo pela nossa providência e coragem; mas, desde que os nossos pensamentos se volvam para êle em sonhos ociosos e inquietos, são inúteis: suprimamo-los também.

São mais do que inúteis, são maus, já que nos fazem mal. Todo pensamento que nos faz mal é um pensamento daninho; conhece-se, porém, a árvore pelos frutos: logo, todo pensamento daninho é um pensamento mau; e um pensamento mau é um mau pensamento. Ora, as almas honestas sabem, por instinto, que se devem repelir logo de início, sem discussão, os maus pensamentos que ata-

cam a pureza. Porém, por mais bela que seja esta virtude, não é a única: a resignação, a esperança, a fortaleza de ânimo, a generosidade, o amor de Deus também são virtudes; e os pensamentos que as atacam são *maus pensamentos*. Tratemo-los como tais.

Nós não somos deuses, somos homens. Deus diz, e as coisas existem; o homem estabelece condições, e as coisas se fazem. Ora, são as idéias que condicionam os nossos atos e os nossos estados d'alma. As nossas idéias é que nos sementam a alma, e a semente é que prepara a colheita. Para colhêr trigo, há que plantar trigo. Se se semeia joio ou se se deixa o vento semear grãos de azar, colher-se-á joio, escalracho, tôdas as ervas más da criação; mas trigo, não! O trigo, não é o vento que o semeia. Está nos celeiros do homem, e é preciso o gesto do homem para que êle brote cerrado em bela messe.

Se quisermos ver medrar em nós fôrça, semeemos a alma de idéias fortalecedoras. Ao menos, entrando outra vez no nosso assun-

to, não lancemos nela pensamentos daninhos; e, por esta só precaução, veremos quebrar-se em três pedaços o bloco das nossas dores, só tendo agora a suportar o pêso da dor presente, que, de ordinário, será justamente o menos pesado.

II

O QUE SE DEVE FAZER

Mas ficará sempre um resíduo de dor na nossa vida. Em face dessa dor inevitável, que temos a fazer?

A esta pergunta, uns filósofos responderam que se deve olhar de frente a dor, zombar dela e dizer-lhe: “Tu não passas de um nome!”

Isso é afetação, é orgulho, não é o grito da humanidade, e êsse conselho não será seguido. A dor não é mera palavra, é uma coisa terrível, e ao contato dela todo coração de homem há estremecido. O próprio Sagrado Coração fremiu ao contato da dor, e era o Coração do Homem-Deus. Pelo seu exemplo, mostrou-nos que não há vergonha em sentir os frêmitos da repugnância e do temor acompanharem em nós a passagem da

dor. Mas, embora fremindo, cumpre aceitá-la: também isto êle nos mostrou pelo seu exemplo. Suportou mais dores do que nós poderemos suportar, e a tôdas disse esta palavra de acolhimento: *Fiat!* Sim, consinto, aceito.

Pois bem! aí está o que o homem deve fazer em presença da dor: deve fazer como o Homem-Deus, deve dizer: *Fiat!* Deve resignar-se a tudo, aceitar tudo.

E é sábio aceitar tudo, porque a dor é boa, não aquela que nos forjam os nossos caprichos ou as nossas covardias, e que pesa sôbre a vontade e a esmaga: essa é má, como acabamos de dizê-lo. Mas a outra, a que surge em nós contra a nossa vontade, a que Deus permite ou nos proporciona para o nosso bem, essa aproveita a tudo: ao passado, de que é a expiação; ao presente, que ela faz melhor; ao futuro eterno, que ela prepara; e eis aí porque, como o Mestre, não devemos ter para ela senão sentimentos de acolhida: *Fiat! Fiat!...*

1.º *O passado*

Fiat! Primeiro porque, se eu soffro, é bem feito. Pequei contra Deus. Quis pedir às criaturas prazer, aquêlê que é lícito e aquêlê que é ilícito. Devia pedir-lhes que me conduzissem a Deus, foi para isso que Deus as collocou à volta de mim, é a missão que lhes dá. Violentei-lhes o destino, elas se vingam. Pedi-lhes o prazer, elas me dão a dor. É bem feito. “Contra quem vamos?” perguntavam, pondo a vela aos ventos, os marujos de Genserico. — “Deixem correr o vento, respondia o bárbaro, vamos contra aquêles que Deus quer punir”. Em certos dias, parece que as criaturas são também impelidas, por não sei que vento de justiça, contra aquêles que Deus quer punir: põem a gôta de absinto na taça do pecado, enfim o espinho por sob a rosa, e quase não há uma só nódoa no coração que não seja uma chaga sangrenta, quase nenhuma semente de pecado de onde não germine a dor. O orgulho produz humilhações, e egoísmo nos faz insupor-

táveis a nós como aos outros, a inveja desvenda a nossa inferioridade, a preguiça nos esmaga de pesados deveres, e a revolta contra o dever coloca-nos sob o jugo de necessidades as mais duras e de criaturas as mais vis.

E eu repito a palavra de ainda há pouco... Ah! não quero ser cruel e tenho no coração, crede-o, uma imensa piedade; mas há também um instinto de justiça na consciência, o qual clama mau grado meu, quer se trate de mim, quer se trate de vós: É bem feito.

Já que é bem feito, aceitemos, resignemo-nos: *Fiat!*

Há, eu sei, dores em que não temos parte alguma e que nos vêm do pecado dos outros ou da casualidade das circunstâncias. Sim, mas há na nossa vida faltas que não tiveram o seu castigo. Pois bem! que as dores em que não há culpa nossa expiem as nossas culpas que ficaram sem dor. E ainda será bem feito.

O pecado é prazer roubado ao dever. Cumpre restituir. É com a dor que se resti-

tui, com a mortificação, que é a dor voluntária, ou com a provação, que é a dor inevitável, mas que a gente faz voluntária aceitando-a. Aceitando-a, a gente se apossa dela, apropria-se dela, fá-la sua, e, unindo-a à do Redentor para fazer a conta, dá-a em paga da própria dívida. E, dessarte, já não é só a justiça que passa castigando o culpado, mas é a expiação que o cura, que lhe desinfeta a chaga da alma e a cicatriza. E, se a cicatriz fica, é então a mera quitação do resgate pago.

Não digais que, quanto a vós, o resgate foi duro de mais: não sei nada disso, vós também não o sabeis, só Deus o sabe. Só êle pode pesar tudo na sua balança infalível. Mas eu sei, e vós sabeis, que Cristo e sua Mãe imaculada eram mais puros do que nós, e consentiram em sofrer para nos salvar. Pois bem! a exemplo dêles, se nada mais temos a expiar por nossa própria conta, sofremos pelos outros. Não há ao redor de nós, quiçá na nossa família, almas a salvar? Não há a nossa pátria?... E não tem ela necessidade de expiação? Devemos expiar por ela. E,

quando quisermos salvar as almas, devemos adotar o método do Mestre e, em face da cruz, achar no próprio coração amor bastante para dizer o *Fiat* que aceita tudo.

Pensemos no Mestre que disse êsse *Fiat* salvador e nas almas que precisam dêle, e, como o Mestre, digamo-lo por elas.

O resgate a pagar por nós, e pelos outros; numa palavra, a expiação do passado, eis um primeiro motivo para dizermos *Fiat!*

2.^o O presente

E eis aqui um segundo.

A dor faz a educação das almas.

O homem é um aprendiz e a dor é sua mestra.

Oh! é uma rude mestra, mas que dá boas lições. Aprende-se muito e aprende-se depressa na sua escola. As plantas precisam ser esmagadas para exalarem os seus melhores perfumes: só as almas mortificadas pelo sofrimento têm o privilégio de exalar êsses

perfumes finos e delicados que se chamam a misericórdia, a bondade, a piedade, o amor — o verdadeiro, o grande, o que é terno e forte, e que dá tudo.

Aí está porque Jesus Cristo, que quis ser ao mesmo tempo o modelo incomparável e o universal consolador, quis para a sua alma aquêlê requinte supremo. Provou tôdas as nossas angústias, para as compreender, sentir, consolar tôdas.

É preciso padecer para saber compadecer. É sempre numa cruz que o coração se abre para dar as suas últimas reservas, aquilo que êle tem de mais profundo e de melhor.

E não se cifra nisso o papel do sofrimento. Haveria todo um belo cântico a cantar em honra dêle. Direi apenas duas estrofes: êle faz luz e êle faz fôrça.

Quando dulcíssimo o exílio, fazemo-lo a nossa pátria,

disse um poeta. Precisávamos de que a terra do nosso exílio não fôsse demasiadamente bela. Tal qual é, já nos enfeitiça; custamos a defender contra as fascinações da bagatela,

como fala a Escritura, o cuidado dos nossos eternos destinos; que seria se a fascinação fôsse sem contrapêso, e os prazeres dêste mundo sem mescla de dor? Necessitávamos que a dor passasse de vez em quando sôbre nossas almas como um sôpro de tempestade, para espancar as brumas pesadas que nos mascaram o céu, para sanear o ar, para sacudir as nossas loucas quimeras, para abater a ânsia dos nossos desejos malsãos, para destroçar as míseras venturinhas em que seríamos tentados a abrigar os nossos sonhos, e para nos fazer sentir, por essa lição de coisas, que devemos lançar o grito dos nossos corações insaciáveis para o Deus que é só quem os pode saciar.

“Meu Deus!” Eis o grito espontâneo que a dor nos arranca.

Quando O cala o nosso orgulho, diz-Lhe o nome
[a nossa dôr,]

disse Vítor Hugo. E não há filósofo, nem teólogo, nem pregador que tenha feito alçar

para Deus mais frontes prontas a crer e mais corações prontos a esperar, do que a dor.

Ela faz luz, dissipando as névoas que nos encobrem o céu; e também nos faz fôrça.

É um acicate que estimula os ânimos, um crisol onde se temperam as almas. Nada de grande sem ela, mesmo quanto a este mundo. O hábito do prazer relaxa a atividade e enerva-a, suprimindo o escopo e a necessidade; o sofrimento exalta-a, — não por si mesmo; por si mesmo, êle deprime a atividade; mas, pela reação que provoca, exalta-a. É êle que cria; o prazer não cria nada. Todos os povos têm crescido na luta; o excesso dos prazeres tem-lhes feito a decadência. Enquanto os Romanos tiveram inimigos a combater, foram o primeiro povo do mundo; tornando-se um povo feliz, começaram a não ser mais nada, e bárbaros vieram que os varreram como fôlhas mortas. Dizem que a pobreza é mãe do gênio. Por quê? Porque pobreza é sofrimento, e sofrimento impõe esforço, esforço que revela o gênio.

O sofrimento que impõe o esforço: eis não a única, porém praticamente a mais comum condição do progresso.

Mesmo do progresso moral. Para fazer frente ao sofrimento, quantas virtudes devem vir em auxilio! A fé, a esperança, a caridade, a paciência, a humildade, a generosidade e quantas outras! Êle nos esperta das nossas preguiças, nos arranca ao *statu quo*, à estagnação, obriga-nos a adaptações novas e, conseqüentemente, a uma vida mais atenta, mais rica e mais profunda. É por isto que

A dor dilata as almas que golpeia,

e por isso, também, que ela nos espicaça, para nos empurrar para a frente; faz-nos da virtude uma necessidade, quando talvez nos quiséssemos contentar com fazê-la um esporte para os nossos ócios. Graças a ela, pois, não só se pensa no Céu, mas para êle se vai.

Vêde o exemplo da guerra, uma grande, uma horrível, uma monstruosa dor: mas quantos olhares faz levantar para o Céu, e quantas almas retempera na fôrça!

A dor, ainda a menos desejável, pode realizar milagres quando, uma vez que se impõe, é aceita e aproveitada.

Pois bem! aceitemo-la e aproveitemo-la.

A luz, a fôrça e a bondade: êstes três grandes dons ela nos traz. Bendita seja!
Fiat!

3.º *O futuro*

A expiação quanto ao passado, a saúde da alma quanto ao presente, a dor é ainda a grande riqueza quanto ao futuro, — terceiro e excelente motivo para dizer: *Fiat!*

Há aí pelo mundo duríssimos misteres, os quais todos acham braços porque dão lucro. Exemplifiquemos, se quizerdes, por um mister comuníssimo, que longe está de passar por heróico e que parece ao alcance de tôdas as coragens. Suponde um homem ou uma mulher da vossa idade, em pé por trás do balcão de uma loja, o dia todo, a esperar pelo freguês. E' pouco amável o freguês: mal responde às palavras de acolhimento; traz exi-

gências, manias talvez; faz revolver tudo, toca em tudo, discute tudo, critica tudo, julga tudo permitido e lhe permitem tudo, porque daí a pouco deixará sôbre o balcão algumas moedas ou notas. E o vendedor, que já o recebeu com o seu melhor sorriso, recondu-lo com reconhecimento. Almeja recommençar assim a dura faxina até à noite. E à noite, quando o dia foi bem duro, quando os fregueses se sucederam ininterruptamente, o vendedor, estafado de fadiga, com o coração melindrado por mil pequenas humilhações sem resposta, por mil pequenos dissabores dissimulados, já não pensa nos dissabores, nas humilhações, na fadiga: pensa só no lucro. “Belo dia!” diz consigo; e só tem um sonho: recommençar no dia seguinte.

Pois bem! imitemo-lo. As provações que passam são fregueses para nós, nenhum dos quais, se o quisermos, se irá embora sem nos deixar um lucro; e os belos dias serão aquêles em que tais fregueses nos visitarem em grande número. Há-os horríveis, é verdade; mas pagam em correlação. Cada dor

suportada por amor de Deus deixa-nos n'alma uma marca, uma assinatura que exhibiremos a Deus como um título de que elle nos deverá reembôlo. O vencimento está fixado para a hora da morte; mas é a hora exata em que precisaremos dêle; e estamos certos de que essa hora chegará, seguros de que o nosso devedor não falirá, de que o acharemos no encontro marcado.

É, portanto, um emprêgo de capital de plena tranquillidade. E a fortuna que tivermos em mão, naquela hora decisiva, fará a nossa posição, ao abrigo de todos os roubos e de todos os golpes de bôlsa, não durante alguns rápidos anos sempre ameaçados da catástrofe final, porém durante uma imutável e definitiva eternidade.

Ah! todos os maus e duros misteres que se consente em exercer para criar uma fortuna ou uma posição efêmeras! Por que, para criar essa posição e essa fortuna incomparáveis, não aceitarmos o mister de sofrer? Tanto mais quanto não custa mais aceitá-lo: o depósito de fundos já está todo feito. A re-

volta não suprime o sofrimento, não o diminui; esteriliza-o, é só. O mau ladrão, que blasfemava, não sofria menos do que o outro, que aceitava tudo; mas um ganhava o céu com sofrer, e o outro não ganhava nada: eis a diferença.

Acitemos tudo; tudo nos será computado. O Marechal de Tavannes, esquecido por Henrique IV, dizia com filosofia um tanto melancólica: "Parte dos meus serviços foram desconhecidos; mas os reis são desculpáveis por causa dos seus grandes afazeres". Não obstante os grandes afazeres que a Providência tem nos braços, ela não esquecerá nada do que houvermos sofrido por ela; tudo será contado, tudo será pago a preço magnífico, e não sentiremos pesar, e compreenderemos então o quanto o sofrimento é bom.

Agora, custa-nos compreendê-lo. Custa-nos também distinguir as pérolas verdadeiras das falsas. Para o discernimento das pérolas, louvamo-nos num conhecedor; para discernir entre os verdadeiros e os falsos bens dêste mundo, louvemo-nos nesse grande co-

nhecedor que é Jesus-Cristo. Elle tinha a escolha, era o Senhor: escolheu sofrer. Logo, é que isto é melhor.

Nós próprios compreenderemos que isso é melhor quando a luz da morte vier iluminar com a sua verdadeira claridade as coisas dêste mundo; veremos então todos os pequenos encantamentos que nos fascinam aparecer-nos como brinquedos de crianças; veremos que as verdadeiras pérolas guardadas no escrínio das nossas lembranças, e sobretudo das lembranças de Deus, serão precisamente essas horas de sofrimento que nos aparecem hoje tão insulsas, tão tristes e tão más. Elas são talvez o que de melhor nos restará da nossa vida; e no momento de nos finarmos, revendo os nossos sonhos desvanecidos e os nossos dias perdidos, exclamaremos com o poeta:

No mundo um só bem que me reste
E' haver chorado algumas vêzes.

Por certo, é duro chorar; mas é bem doce e bem bom o haver chorado. Sem dú-

vida, o sofrimento, caindo sôbre nós como o granizo em cêpas de vinha, quebra e machuca muita coisa; mas, se o pedrisco fôsse de ouro, cedo lhe perdoaria o vinhateiro o esmagar-lhe as uvas. Pois será de ouro, se soubermos proceder, o granizo da provação que nos assola o coração.

Longo tempo procuraram os antigos a pedra filosofal cujo contato devia ter a virtude mágica de transmudar tudo em ouro, e não a acharam; mas a pedra filosofal que transforma em ouro, em tesouros imperecíveis, tôdas as dôres da vida, esta há muito que foi achada. É o *Fiat* que havemos recebido dos lábios do Salvador no Hôrto das Oliveiras. Dês que elle tocou a dor, esta se transfigura: ela ia passar esmagando tudo qual borrasca malfazeja, e, mal a tocou o *Fiat*, eis que ela passa fazendo o bem, como uma chuva providencial que lava o passado, que revigora e reverdece o presente, e que prepara as messes do futuro. À alma manchada de chagas antigas, restitui-lhe a beleza; à alma amolentada pelo prazer, restitui-

lhe o vigor; à alma pobre de méritos, abre uma fonte fecunda de rendimentos imperecedouros. Passado, presente, futuro, ela melhora tudo.

Abramos os corações e deixemo-la passar: *Fiat!*

Resta uma palavra a dizer para fazer abrir os corações.

Um oficial tinha que sofrer uma operação dolorosíssima. Recusa obstinadamente cloroformizar-se. Finda a operação, volta-se para outro ferido e lhe diz: “Sabe o que foi que me anestesiou? Eu tinha acabado de saber da nossa vitória”. Outro, em idênticas circunstâncias, dizia. “Eu não sofri. Pensei em tudo o que os nossos homens estão sofrendo lá”. O pensamento dos seus homens que sofrem!... Não é menos eficaz o pensamento de Cristo a sofrer por nós. Um religioso a quem queriam fazer adormecer exclamava: “Ora vamos! eu não ousaria mais olhar o meu Crucifixo”. Toma o Crucifixo, e nêle também nem um só músculo estremece.

O amor, eis o grande anestésico, o grande hipnotizador do sofrimento. Onde quer que se ame, diz a *Imitação*, não há mais dor; ou, se a dor persiste, é amada.

Portanto, ao Calvário! Foi lá que mais se sofreu; mas também foi lá que mais se amou. É lá que é preciso subir para ouvir as palavras mágicas que foram e continuam a ser a eterna canção capaz de embalar a dor humana e adormecê-la (1).

Mesmo se essa anestesia não é completa, mesmo se os gemidos brotam, sem querer-

(1) Psicologicamente, aceitar o sofrimento é um meio de abrandá-lo, ou até de suprimi-lo. O sofrimento é a consciência de uma desarmonização vital. É o produto de dois fatores: a desarmonização e a consciência que se tem dela. Um fato novo sobrevém que se impõe, mas que não quadra com a organização atual do nosso eu, nem ainda com os desejos profundos que lhe constituem o núcleo permanente ou, pelo menos, habitual. Pela intrusão desse fato, o eu é dilacerado, desorganizado, como o seria a carne do nosso corpo espetada por uma punhalada. A consciência dessa dilaceração, dessa desarmonia, eis a dor. Retirai o punhal, dis-

mos, sob o choque da dor, pelo menos o coração permanecerá forte; e, para o proveito a tirar da dor como para a prova de amor a

semos, suprimi a idéia e, por isso mesmo, a *consciência* dessa desarmonia: a pouco e pouco tudo retomará o seu lugar, a ferida cicatrizará. Há, porém, outro meio, que é aceitar o fato novo e refazer assim um eu harmonizado. Tudo se pode aceitar, salvo o mal: e tudo o que nos sucede de doloroso pode ter um *lado bom*, quando fôsse só o ensejo que nos dá de enriquecer a alma e de provar a Deus o nosso amor. Aceitar uma idéia, um fato, etc. é incorporá-lo ao próprio eu, dar-lhe um lugar nêle e reconstruir em tórno, sôbre um plano ampliado, uma nova síntese. Se, do ponto de vista psicológico e concreto, tal aceitação é bastante forte para ir até o fim, para realizar êsse eu harmônico, já não há, por conseguinte, desarmonia e, em consequência, já não há mais dor.

Para nos vermos livres de um "pêso no estômago", temos dois métodos normais (sem falar dos processos farmacêuticos): vomitar o que pesa, ou, aos poucos, digeri-lo. O mesmo sucede com a dor; há que lhe pôr fora a lembrança, o que equivale a suprimir-lhe a *consciência*; ou assimilá-la, o que equivale a suprimir-lhe a *desarmonia*.

oferecer, o essencial é que, em face do nosso Crucifixo, o *Fiat* dos nossos corações resignados jamais seja recusado a êsse Deus que é o Mestre, que sofreu por nós, que nos ama e a quem queremos amar.

INDICE

	Págs.
À guisa de Prefácio	3

O PAPEL DE DEUS

I. O que Deus não faz	5
II. O que Deus faz	17

A ATITUDE DO HOMEM

I. O que não se deve fazer	27
II. O que se deve fazer	42

Este livro foi composto e impresso
na Imprensa Nacional para as Artes
Gráficas Industriais Reunidas S. A.